

Vivências éticas e estéticas produzidas pelos artefatos culturais nos cotidianos escolares

Marcelo Ferreira Machado
Maria Cecília Castro
Thamy Lobo
Renata Rocha

RESUMO: Esse relato tem por finalidade abordar as potências criativas de práticas pedagógicas desenvolvidas com o uso de um artefato cultural, a literatura infantojuvenil de temática migratória, realizada com crianças dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública federal fluminense. Com o livro *Migrar*, estabelecemos conversas no 'espaçotempo' escolar para pensar a respeito das questões migratórias e seus desdobramentos no presente. Nas pesquisas com os cotidianos, usamos a metodologia das conversas (ALVES, 2012) para criarmos 'personagens conceituais' (DELEUZE; GUATTARI, 1992) a partir do livro e das conversas acerca dele, buscando criar 'conhecimentossignificações' coletivamente. Através desses encontros, conversamos com as trajetórias dos estudantes e suas vivências acerca dessa temática, compreendendo a relevância dessa questão nos currículos escolares. As conversas realizadas geram a ampliação dos modos de 'verouvirsentirpensar' esses processos que marcam a história da humanidade e que possibilitam transformações que promovem agenciamentos, negociações, disputas, contingências e hibridismos culturais. Essas discussões emergem na atualidade por meio das mídias. Filmes, reportagens, redes sociais, imagens e textos evocam o caráter emergencial e importante dessas conversas nos cotidianos escolares, fortalecendo a luta pelo direito à vida, pelo respeito, justiça social e combate à xenofobia. Buscamos entender, assim, como essas questões sociais se tornam questões curriculares nos cotidianos escolares.

Palavras-chave: Cotidianos. Migração. Narrativas

RESUMEN: Este informe tiene como objetivo abordar los poderes creativos de las prácticas pedagógicas desarrolladas con el uso de un artefacto cultural, la literatura infantil con temática migratoria, realizada con niños de los primeros años de la escuela primaria en una escuela pública federal de Río de Janeiro. Con el libro *Migrar*, establecemos conversaciones en la escuela 'espacio-tiempo' para reflexionar sobre los temas migratorios y sus consecuencias en el presente. En la investigación con la vida cotidiana, utilizamos la metodología de las conversaciones (ALVES, 2012) para crear 'personajes conceptuales' (DELEUZE y GUATTARI 1992), a partir del libro y conversaciones sobre él, buscando crear colectivamente 'significados del conocimiento'. A través de estos encuentros, conversamos con las trayectorias de los estudiantes y sus experiencias sobre este tema, entendiendo la relevancia de este tema en los currículos escolares. Las conversaciones realizadas generan la expansión de las formas de pensar 'ver-oír-sentir' sobre estos procesos que han marcado la historia de la humanidad. Transformaciones que promueven agencias, negociaciones, disputas, contingencias e hibridaciones culturales. Estas discusiones surgen actualmente a través de los medios de comunicación. Películas, reportajes, redes sociales, imágenes y textos evocan el carácter urgente e importante de estas conversaciones en la vida escolar diaria, fortaleciendo la lucha por el derecho a la vida, el respeto, la justicia social y la lucha contra la xenofobia. Buscamos entender cómo se convierten estos temas sociales en el plan de estudios en la vida escolar diaria.

Palabras clave: Cotidianos. Migración. Narrativas.

INTRODUÇÃO

Mande notícias do mundo de lá
Diz quem fica
Me dê um abraço, venha me apertar
Tô chegando
Coisa que gosto é poder partir
sem ter plano
Melhor ainda é poder voltar
quando quero
[..]
Tem gente que chega pra ficar
Tem gente que vai pra nunca mais
Tem gente que vem e quer voltar
Tem gente que vai e quer ficar
Tem gente que veio só olhar
Tem gente a sorrir e a chorar
E é assim, chegar e partir
São só dois lados da mesma viagem
(Encontros e despedidas,
Milton Nascimento)

Na contemporaneidade, vivemos momentos de muitas urgências. A velocidade com que as informações são produzidas e publicadas impõe a necessidade de nos mantermos atualizados e, ao mesmo tempo, gera esgotamentos pela impossibilidade de conseguir ‘*serfazerestar*’¹ conectado consigo e com o mundo. Somos agenciados cotidianamente por informações que tentam nos desestabilizar e comprometer nossa humanidade.

Em contrapartida, as agendas políticas nos perturbam e convocam à ação, pela necessidade de pensarmos acerca de questões importantes do presente. Quais questões seriam essas? Um outro mundo é possível? Como atuar neste cenário tão complexo em que vivemos? Essas e outras questões são latentes para nós, nos desestabilizam e também nos motivam a ‘*agirpensar*’ em outros modos de vida e em nossos cam-

pos de atuação profissional. E o ‘*espaço-tempo*’ da sala de aula é oportuno para conversarmos acerca dessas questões que estão em todas as mídias, no Brasil e no mundo.

Os intensos fluxos de migrantes e refugiados entre os países produzem imagens e cenários que, muitas vezes, são catastróficos. As diversas redes educativas (ALVES, 2012) - que nos formam e por meio das quais somos formados - trazem acontecimentos que nos impactam a respeito do que ‘*vemosouvimosentimospensamos*’ acerca do tema e também colocam essas pessoas na escola, fazendo-nos refletir e criar estratégias para lidar com elas e suas histórias de vidas na sala de aula. Como tornar essas questões migratórias em questões curriculares? Essa foi a primeira questão colocada como necessária para docentes que buscavam outras formas de conversar com as crianças dos primeiros anos do ensino fundamental acerca de assuntos tão potentes e que nos atravessam cotidianamente, como a situação das vidas de migrantes e refugiados.

Diante dessa necessidade, buscamos artefatos culturais que nos permitissem adentrar esse assunto tão delicado, com sensibilidade, responsabilidade e de modo adaptado para crianças tão pequenas e escolhemos o livro. Por meio desse artefato curricular e cultural, pudemos ‘conversar’ acerca das origens, trajetórias, vivências pessoais e dos impactos causados pela migração em diferentes níveis, nas vidas particulares das crianças e nos grandes acontecimentos mundiais. Compreendemos que a

escola é um ‘*espaçotempo*’ potente de criação de ‘*conhecimentossignificações*’ onde podemos engendrar possibilidades de ‘*verouirsentirpensar*’ sobre as questões sociais em voga na sociedade.

DESENVOLVIMENTO

Neste artigo, apresentaremos alguns atravessamentos vividos por uma das autoras em seu ‘*espaçotempo*’ de atuação, em uma escola do pública do município de Niterói, no estado do Rio de Janeiro. Conforme já mencionamos, fazemos ‘uso’ (Certeau, 2014) dos artefatos culturais, que ao adentrarem nos cotidianos escolares se transformam no que acreditamos ser artefatos curriculares, pois criam possibilidades outras de tratarmos questões necessárias à escola.

As experiências dessas crianças com os movimentos migratórios não era algo inédito. A turma vivenciou vários processos da vida escolar ao mesmo tempo, pois estão juntos na mesma escola desde 2016. Todos entraram por sorteio público no primeiro ano do ensino fundamental e, como a escola possui apenas uma turma por ano escolar, poucas alterações ocorreram desde então. Porém, quatro estudantes deixaram a instituição devido à mudança de endereço. Uma mudou-se para a Região dos Lagos, no Rio de Janeiro, e as demais foram para Europa, acompanhando os pais por motivo de formação acadêmica e/ou profissional. Em todos os momentos, as despedidas foram difíceis, mas as crianças encontraram nas redes sociais maneiras de manterem os vínculos

afetivos, auxiliando as que partiram a conviverem melhor com as ausências físicas dos colegas.

A professora da turma e uma das autoras, então, decidiu aprofundar melhor as questões dos movimentos migratórios a partir das narrativas dessas crianças. O artefato desencadeador da discussão foi o livro infantojuvenil *Migrar*. Juntos com Deleuze e Guattari (1992), acreditamos que o livro é um artefato curricular que nos permite criar nossos ‘personagens conceituais’, ‘*vendo-ouvindosentindopensando*’ essas temáticas a partir das conversas estabelecidas com os ‘*praticantespensantes*’ da escola - nesse caso, as crianças.

A partir das conversas travadas nesses encontros, observamos diferentes práticas, pensamentos e vivências. Com elas conhecemos diversas narrativas, histórias de vida e ‘*conhecimentossignificações*’ acerca de como as crianças compreendem esses deslocamentos necessários e comuns à vida. A sala de aula apresenta-se, então, como *lócus* principal da tessitura desses conhecimentos criados por muitas vozes. Larrosa (2003) descreve a importância desta metodologia para as nossas pesquisas:

Nunca se sabe aonde uma conversa pode levar...Uma conversa não é algo que se faça, mas algo no que se entra...e, ao entrar nela, pode-se ir aonde não havia sido previsto...e essa é a maravilha da conversa...que, nela, pode-se chegar a dizer o que não queria dizer, o que não sabia dizer, o que não podia dizer...
E, mais ainda, o valor de uma conversa não está no fato de que ao final se chegue ou não a um acordo...pelo contrário,

A sala de aula apresenta-se, então, como lócus principal da tessitura desses conhecimentos criados por muitas vozes.

uma conversa está cheia de diferenças e a arte da conversa consiste em sustentar a tensão entre as diferenças... (LARROSA, 2003, p. 212).

Além do livro, compreendemos que as falas, os olhares, as produções das crianças - desenhos, brincadeiras, entre outros - passam a ser, além de práticas pedagógicas, nossos 'personagens conceituais', que nos permitem pensar com a temática, possibilitando novas criações e conhecimentos. Assim, no coletivo, com participação e orientação das crianças, fomos criando a aula e nossas produções acerca dos impactos da migração em nossas vidas cotidianas. Pensamos coletivamente nas inferências dos nossos modos de lidarmos com as mudanças dos colegas de turma e também nas grandes transformações nas vidas de pessoas que são obrigadas a sair de suas casas, como acontece nos casos das guerras ou das catástrofes naturais.

Mais relevante ainda é destacar que nesse processo formamos e somos formados, interferimos e sobre nós outros interferem, tocamos e somos tocados, mudamos os outros e somos modificados. Tanto os intercessores chamados "personagens conceituais" [...] como os *praticantespensantes* – que tecem essas redes em intensos processos de trocas, que colaboram com nossas pesquisas e nós com eles (BRANDÃO, 2014. p. 40).

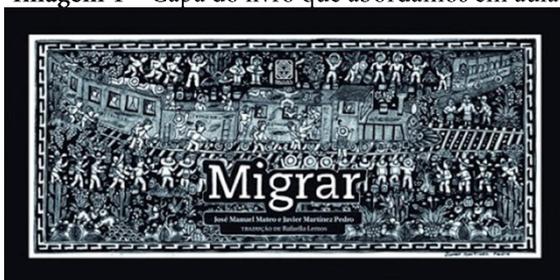
Importante salientar que essas interconexões entre diferentes saberes e as múltiplas experiências do tema permitem as tessituras e as vivências que o tema demanda. As conversas são significativas para a ampliação das questões migratórias e a abordagem coletiva inspira os estudantes a contar suas impressões e também a questionar seus desdobramentos. Acreditamos que na coletividade e no 'dentrofora' da escola é possível criar conhecimentos e vincular tais conhecimentos oriundos da necessidade de interesse do grupo aos currículos escolares, gerando novas possibilidades de existência e resistência.

O LIVRO *MIGRAR*

“N ão sabemos, de antemão, o que um escrito é capaz de produzir em cada pessoa que lê” (FERRAÇO, 2018, p. 5). *Migrar* é um livro de 2013, escrito por José Manuel Mateo e ilustrado por Javier Martínez Pedro, que conta a história de uma menina ou um menino que migra para os Estados Unidos. Trechos do livro indicam se tratar de um personagem infantil. Chegamos a essas informações pois há descrições de atividades lúdicas voltadas às crianças, como, por exemplo, em “eu brincava de correr entre galos e porcos”

(MATEO, 2013) e também, em outra passagem, há a informação de que a família havia chegado a Los Angeles. Assim, podemos imaginar uma criança. Essa abertura infantilizada, nos possibilita maior identificação em relação à narrativa, pois assim o livro abrange diversas histórias de migrações.

Imagem 1 – Capa do livro que abordamos em aula



Fonte: <http://www.pallaseditoria.com.br/produto/Migrar/262/5/>, Ilustrador Javier Martínez Pedro. Acessado em 31/03/20

Acompanhamos a trajetória difícil da personagem e de sua família. O primeiro migrante foi o pai. Ele deixa sua casa, na zona rural, em busca de melhores condições de vida. Com o passar do tempo, sem dinheiro e notícias do pai, a criança peregrina com o restante de sua família, na mesma jornada. Atravessam de caminhão, trem, fogem de policiais, até conseguirem chegar a Los Angeles, sem poder apreciar a paisagem e os grandes edifícios, tão distintos das construções rurais, por estarem escondidos.

A narrativa termina sem final feliz e com algumas incertezas. Não sabemos se a família irá se estabelecer no novo endereço e nem se o cãozinho, que ficou para trás, está bem. Essas dúvidas são muito pertinentes ao se tratar de um livro em que a temática são os migrantes e que o público é infantil. Os livros infantis são impregnados

de finais felizes e de uma suposta “moral” coletiva, e que não se aplicam quando se trata de pessoas migrantes e/ou refugiadas. O livro possibilita conversarmos acerca dessa temática urgente e também começar a falar sobre políticas públicas e direitos humanos nos anos iniciais. Uma característica marcante no livro é a sua estrutura: capa dura, com formato sanfona preso na horizontal, em que vamos abrindo para ler, até formar uma grande ilustração.

Imagem 3 – Livro Migrar aberto



Fonte: <https://librosdelzorro-jo.mitiendanube.com/productos/migrar/>. Ilustrador Javier Martínez Pedro. Acessado em 02/04/2020

O ilustrador Javier Martínez Pedro utilizou papel amate, uma tradição de seu povo, os Xilitla, e foi premiado diversas vezes pela ilustração deste livro.

Há muito e muitos anos escrevíamos no barro, na terra; e da terra passamos ao papel, ao papel amate. Sobre essa tela vegetal contávamos histórias com desenhos, e agora, neste livro, as contamos também com palavras. Falamos de uma mãe, com sua filha e seu filho, falamos do tempo em que se viram obrigados a deixar sua casa

para ir em busca de uma nova esperança de vida. (MATEO, 2013, n.p.)

As imagens em preto e branco, cheias de detalhes dos deslocamentos dos personagens, servem como convite para acompanhar esses itinerários tão complexos e instigantes que são os migratórios. As crianças, ao ‘*verouvirsentirpensar*’ a história, adoraram acompanhar com os dedos e apontar particularidades. A riqueza de detalhes do livro aguça o sentido investigador das crianças, que buscam por pistas, informações, acerca do caminho percorrido pela família em sua mudança de endereço.

Outra característica importante é a narrativa através das palavras. Enquanto as imagens são repletas de detalhes, a parte escrita é bem sucinta. Observamos a valorização da imagem e dos sentidos e significados que ela evoca, que também contam a história. Esses pequenos versos que acompanham a imagem não funcionam como uma legenda, como vemos em alguns livros infantojuvenis; eles se alinham às imagens fazendo combinações e trocas, ativando as percepções e o imaginário de uma criança que está passando por esse processo individual ou coletivamente, por meios de colegas. Nas palavras do autor:

Por isso escrevemos este livro, para não esquecer que as meninas e os meninos migrantes existem e sofrem... e também porque outra realidade reclama ativamente seu direito de existir. (MATEO, 2013, n.p.)

RELATOS ‘VISTOSOUVIDOSVIVIDOS’ NO ‘ESPAÇOTEMPO’ ESCOLAR

A escola onde foi estabelecida a prática pedagógica que narramos tem como perspectiva metodológica o trabalho com as crianças a partir de projetos (Hernández; Ventura, 1998). A pedagogia por projetos ou o currículo por projetos é uma forma de organização curricular que estabelece a proposta de trabalho e a prática pedagógica a partir dos interesses dos estudantes. De acordo com o autor dessa proposta, seu objetivo é ter o estudante como protagonista da ação educativa que se quer desenvolver, buscando uma relação entre o que é aprendido na escola e a vida do estudante. Ou ainda, segundo Alves (2019), é modo de compreender os currículos e as práticas pedagógicas, nos tantos ‘*dentrofora*’ das escolas. Para a autora, a conexão e a interdependência vida/escola não podem ser negadas pelos docentes e devem ser apreendidas e trazidas para os ‘currículos praticados’ (OLIVEIRA, 2012).

A temática escolhida foi a dos movimentos migratórios e iniciamos o projeto com a leitura do livro *Migrar*. A contação da história foi realizada pela docente da turma. Sentamos em círculo e apresentamos os aspectos estruturais do livro. As crianças manipularam o livro, identificaram os personagens nas imagens e se encantaram com o formato do livro. A docente então leu a história e questionou os estudantes sobre suas vivências pessoais e sobre o que já sabiam sobre a temática de migração.

Cada criança ainda trouxe relatos acerca das histórias familiares, suas redes de ‘*conhecimentossignificações*’, conversas em

Os usos dos artefatos culturais que, na escola, se transformam em artefatos curriculares, permitem criações a partir dos encontros e das narrativas que emergem das conversas.

que cada uma, de alguma forma, pôde contar a respeito daquilo que tinha vivido com a migração. Muitos eram filhos e netos de migrantes. Outros lembraram das quatro crianças da turma que migraram para outros lugares, de quem já falamos anteriormente e, por isso, todas tinham algo para contar ou algum sentimento para expor acerca da temática.

Muitos contaram que suas mães/avós vieram para o Rio por conta da violência doméstica. As dificuldades financeiras e a busca por novas oportunidades de trabalho e de vida também aparecem presentes nesses cotidianos constantemente. As crianças logo entenderam que muitos motivos para saída/chegada de pessoas são as necessidades de sobrevivência, a busca de emprego e de oportunidade para “melhorar de vida”. A migração como condição de existência também foi caracterizada pelos estudantes. Migrar para (sobre)viver.

É importante dizer que algumas crianças apontaram o desejo da migração para conhecer um novo país, uma nova língua, hábitos e culturas distintas. Perceberam a migração como sonho, possibilidade e oportunidades, e não como necessidade. O migrar, nesse aspecto, surge como forma de experienciar, nos mostrando que a migração possibilita múltiplas perspectivas.

Essas narrativas possibilitaram também que eles falassem das dificuldades que existem nas mudanças exigidas pelas migrações no contexto de resistir e sobreviver ao caos quando se luta pela vida, como acontece com os refugiados políticos, de catástrofes naturais, perseguidos religiosos, entre outros. De alguma forma, migrar produz transformações não apenas nos ‘espaços-tempos’ das pessoas, mas transformações nas subjetividades de cada um, que precisa se “adequar” à realidade que se apresenta.

61

CONCLUSÃO

Inúmeras histórias envolvendo o encontro e despedidas, chegadas e partidas compõem nossas histórias de vida. Nesse contexto, ocorreram as formas pelas quais temos criado, em conjunto, ‘conhecimentossignificações’ acerca dos processos migratórios na contemporaneidade, dos artefatos culturais e dos usos que fazemos nas redes educativas em que circulamos, sobretudo nos cotidianos das escolas.

Certeau (2014) entende que os cotidianos possibilitam viver, compreender e organizar múltiplas formas de criação e de resistência. Esses movimentos têm sido capazes de nos permitir ‘*verouvirsentirpensar*’ essa temática importante na atualidade, a

partir das relações que estabelecemos com os ‘*praticantespensantes*’ que circulam nesses cotidianos.

Os usos dos artefatos culturais que, na escola, se transformam em artefatos curriculares, permitem criações a partir dos encontros e das narrativas que emergem das conversas. Há muito temos nos dedicado a usar diversos artefatos culturais nas pesquisas que desenvolvemos. Além do livro, o uso dos filmes que abordam a temática migratória é recorrente nas pesquisas que temos desenvolvido. Isso porque os filmes, assim como os livros, têm:

[...] alguns elementos que acentuam as possibilidades – imagens, sons, palavras, gestos, possibilidades de trocas entre os que, juntos, veem filmes, etc – o cinema funciona do mesmo modo. É produção silenciosa, que permite interpretações diversas e múltiplas, permite instantes perdidos e criação de memórias, já que os contatos dos espectadores são diferentes daqueles do diretor do filme ou de cada um daqueles que participou da feitura do mesmo: atores/atrizes, técnicos diversos, múltiplos diretores etc. (ALVES et al., p. 227).

Dessa maneira, a tessitura em conjunto permite ao professor estabelecer uma relação de reciprocidade com os estudantes, conhecendo suas histórias, suas vivências e os atravessamentos diários e, de maneira geral, tem permitido a nós, que fazemos pesquisas em educação e com os cotidianos, fazer novas perguntas e a nos ‘*fazerpensar*’ nossas questões, articulando, organizando e acumulando material de pesquisa.

O livro *Migrar* foi um dos artefatos que potencializaram a abordagem dessa temática tão urgente e latente no presente, levando a criação de outros livros - como o feito por Lobo (2021) -, a registros gravados de conversas realizadas após os filmes (ROCHA, 2021) e a aproximações e experimentações entre a geografia e o cinema (MACHADO, 2018). Essas criações compõem o bojo da pesquisa que desenvolvemos em grupo, em torno das possibilidades de transformação de artefatos culturais em artefatos curriculares nas escolas para tratar da temática migratória, recorrendo a situações pessoais, locais, nacionais e aos modos como essas aparecem nos currículos escolares.

NOTAS

1. Esse modo de escrever determinados termos, grafados juntos, em itálico e entre aspas simples e, frequentemente, pluralizados – tais como: ‘*aprenderensinar*’, ‘*prácticasteorias*’, ‘*praticantespensantes*’, ‘*espaçostempos*’, ‘*conhecimentossignificações*’, entre outros – é utilizado em pesquisas com os cotidianos e serve para nos indicar que, embora o modo dicotomizado de criar conhecimento na sociedade moderna tenha tido enorme importância, esse modo tem significado limites ao desenvolvimento de pesquisas nessa corrente de pensamento.
2. Xilitla é um município que fica no Estado de Guerrero, no México.

REFERÊNCIAS

ALVES, N. G. *Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente: o caso do*

cinema, suas imagens e sons. Financiamentos CNPq, FAPERJ e UERJ, 2012-2017. (Projeto de Pesquisa).

ALVES, N. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas - memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje**. S. Paulo: Cortez, 2019.

ALVES, N.; CHAGAS, C.; MENDONÇA, R. Usar filmes para fazer surgir modos de atuar nos currículos - Migrações e cotidianos escolares. In: OLIVEIRA, I. B. de; SUSSUKIND, M. L.; PEIXOTO, L. (Orgs.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente, questões metodológicas, políticas e epistemológicas**. Curitiba: CRV, 2019, p. 199-210.

BRANDÃO, R. S. **A formação de 'docentes discentes' atravessada pelas imagens de professores no cinema como questão curricular**. Dissertação de Mestrado em Educação. Rio de Janeiro/RJ: UERJ/Faculdade de Educação/ ProPEd, 2014, 137p.

CERTEAU, M. **A invenção do Cotidiano - Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Os personagens conceituais. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 81-109.

FERRAÇO, C.E. Prefácio. In: Filho, A.; Berino, A.; Soares, C. (Orgs.). **Educação e Audiovisualidades**. Curitiba: Appris, 2018.

HERNANDEZ, F.; VENTURA, M. A **organização do currículo por Projetos de Trabalho**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro/RJ: ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), jan-abr 2003, (19). Disponível em:

<http://www.anped.org.br/rbe/edicoes/numeros-antigos>. Acesso em: 10 mar. 2017.

LOBO, T. **Nós 'escritoresleitores': tecendo narrativas cotidianas e imaginárias com jovens acerca de movimentos migratórios**. Dissertação de Mestrado em Educação. Faculdade de Formação de Professores/PpgEdu. São Gonçalo: 2021. 138p.

MACHADO, M. F. **Cinema, geografia e currículos: sentidos possíveis em torno dos filmes 'La Noire de...' e 'Que horas ela volta?' e a tessitura de 'conhecimentosignificações'**. Dissertação de Mestrado em Educação. Faculdade de Formação de Professores/PpgEdu. São Gonçalo: 2018, 130p.

MATEO, J. M. **Migrar**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

OLIVEIRA, I. B. de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos 'pensadospraticados' pelos 'praticantespensantes' dos cotidianos das escolas. In: FERRAÇO, C. E.; CARVALHO, J. M. (Orgs.). **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Petrópolis: DP et Alii, 2012, p. 47-70.

ROCHA, R. O. **'Vendouvindosentindopensando' com as paisagens em deslocamento: migrações, currículos e 'cineconversas'**. Dissertação de Mestrado em Educação. São Gonçalo/RJ: UERJ/Faculdade de Formação de Professores/PpgEdu, 2021, 148p.

SOBRE AS AUTORAS E O AUTOR

Marcelo Ferreira Machado é Doutorando do ProPEd (UERJ). Mestre em Processos Formativos e Desigualdades Sociais (FFP/UERJ). Pós-Graduado em Tendências Atuais do Ensino de Geografia (AVM). Graduado em Geografia (UFRJ). Atualmente, é Coordenador Pedagógico da rede estadual

de educação do Rio de Janeiro (SEEDUC) e professor de Geografia da rede privada de ensino. Membro do grupo de pesquisa: Currículos Cotidianos: redes educativas, imagens e sons. Bolsista Faperj. E-mail: mar_chado@hotmail.com

Maria Cecília Castro é Doutoranda do ProPEd (UERJ). Mestra em Educação do ProPEd (UERJ). Graduada em Pedagogia (UERJ). Professora dos anos iniciais do Colégio Universitário Geraldo Reis (Coluni-UFF). Membro do grupo de pesquisa: Currículos Cotidianos: redes educativas, imagens e sons. Bolsista CAPES/Proex. Email: mcecilias.castro@gmail.com

Thamy Lobo é Mestre em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais pela Faculdade de Formação de Professores (FFP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduada em Língua Portuguesa. Membro do grupo de pesquisa: Currículos Cotidianos: redes educativas, imagens e sons. E-mail: thamy.lobo@hotmail.com

Renata Rocha é Mestre em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais pela Faculdade de Formação de Professores (FFP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), entre 2020-2021. Especialista em Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afro-brasileiras pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). Membro do grupo de pesquisa: Currículos Cotidianos: redes educativas, imagens e sons. E-mail: renata-rochaoliveira87@gmail.com